

O CHÃO E A PEDRA - O QUE NOS DIZ O SERTÃO, A PARTIR DE BAIXO?

Wellington Amâncio da Silva¹

RESUMO

As meditações deste ensaio fotográfico são compostas no cerne de sete narrativas gnosiológicas e ficcionais ao redor de imagens do chão e da pedra, e se fundamentam por meio do imbricamento lúdico-linguístico entre imagem e texto. Pensamos os devaneios da forma e do pictórico a partir da epistemologia metafórica de Feliciano de Mira. (2013). As fotos foram executadas durante os anos de 2014 a 2017, utilizando-se de uma Canon 6D, com lente Canon 24-105mm F/4l Is Usm, da série L. **PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; chão; pedra; representações do sertão; existencialidade nordestina.

ABSTRACT

The meditations of this photographic essay are composed at the core of seven gnosiological and fictional narratives around images of the ground floor and the stone, and are based by means of ludic-linguistic in interlacing between image and text. We think of form and pictorial reveries from

¹Professor Auxiliar da Universidade Federal de Alagoas – UFAL- *Campus* Sertão. Mestre em Ecologia Humana pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB/*Campus* VIII. wellington.silva@cedu.ufal.br

the metaphorical epistemology of Feliciano de Mira. (2013). The photos were executed during the years 2014 to 2017, using a Canon 6D, with lens Canon 24-105mm F / 4l Is Usm, L series.

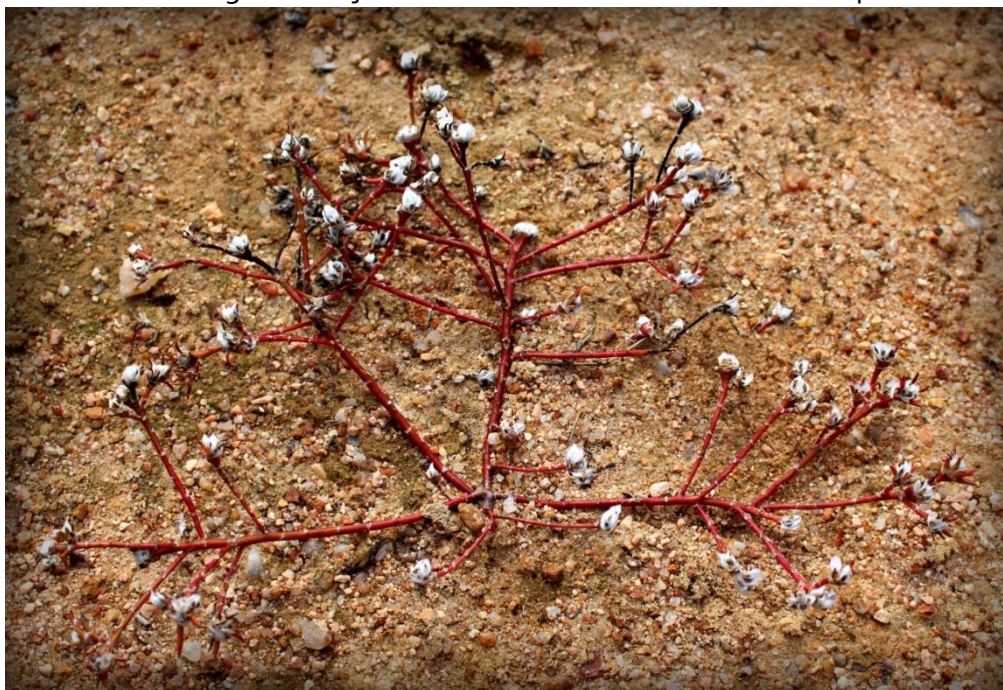
KEYWORDS: Photography; ground floor; stone; representations of the Sertão; existentiality from Nordeste.

INTRODUÇÃO

Para Carlos Augusto Decupero e a Mayk Oliveira

É santa aquela árvore antiga
seu caule denso e enrugado
galhos de misteriosos meandros
em ramos negros que espalham-se
nos espaços verdes da copa
Sua estranha geometria
em vivíssima frondosidade
galhos crescido no desalinho
da busca de cada exata curva
onde pontuam-se as folhagens
E não é em vão a complexa forma
esta singularidade sem tamanho
que já não sabemos traduzir
[José Amancio, "O Ocaso Florido"]

A translúcida vinheta da fotografia abaixo acentua a composição em matizes de vermelho, branco e cinza. O chão de areia molhado - aparentemente pacífico -deixa comportar esta planta de pecíolos avermelhados em flores brancas. A partir do seu centro, tangencia para os quatro cantos, no percurso dos seus ramos, um desejo de seguimentos para o alto e que desabrocha em flores. Que desejo de flora reside neste gesto? Alçar ao céu ou acomodar-se no chão de proventos?



Não há dicotomias no chão. Este nos traz uma perspectiva geográfica preliminar. É a plataforma do *onde* a existência pode urdir seus sentidos, sem prescindir do imbricamento entre o ser, os entes e o chão. Neste sentido de ser sertanejo, o que nos diz o seu chão e as suas pedras a partir de suas inscrições incógnitas?





Os troncos de paus acinzentados pelo Sol intenso, sobre o chão molhado, trazem em contrastes, o legado do tempo de sequeidão. O cinza persistente é indômito; traz da secura pretérita os seus presságios, que mesmo assim harmoniza-se com as cores do renovo. Nesse amálgama, entre a lembrança seca em paus rachados e a presença aquosa do mundo, é tecido um sertão em cores, em movimentos e em formas.



A unidade não cassa de todo a sequeidão dos paus, cujo cinza é a expressão maior de uma peleja. As quatro raminhas verdes acentuam este contraste, sobre a perspectiva preliminar, geográfica e

telúrica do chão pedroso. O olhar sensível percebe no ente solitário uma vontade de presença em destaque. No entanto, acompanhado de uma miríade de elementos outros, filhos do mesmo carbono, tais como pedras, cacos e galhos, fazem uma litania a Sofia, pedindo-nos gestos pacíficos, quando nos aproximamos. É preciso pisar ao largo, é preciso o cuidado de não submeter estes ente à sola indolente dos nossos pés.

A pedra é um desejo telúrico sem nome e sem palavras. É presença! Ainda não é sentido, porque ainda não veio até a nossa consciência, e mesmo que digamos "pedra" - e ainda não dizendo nada - a pedra chama-se por ela mesma em designação outro que não contém palavras.

Chamamos pedra, porque outro nome nós não saberíamos. É elemento de pura presença!



Antes, o que é uma pedra senão uma coisa, até que a tiremos do seu lugar e a coloquemos sobre uma base epistêmica, trazendo ao rol dos objetos? E o que se diz das coisas e do objeto, se diz de muitos modos e por muitas formas de narrar: poesia, ensaio, conto, metáfora, devaneios e silêncio.

Na paragem sertaneja, onde descansa um lajeiro, grande sorte de catengas esquivam-se ali, nos entremeios, fugindo das corujas e carcarás. E são os entremeios os meios-termos da sobrevivência caatingueira, da grande ou da fauna miúda.

“Tirei mandioca de chãs/ que o vento vive a esfolar/ e de outras escalavras/ pela seca faca solar”². Mas só tire se não chover, porque do vermelho das chãs não haveria mais poupas debaixo das suas tréguas de areia, lá onde *a natura no contristatur*.

A caatinga é um tipo de *amor fati*, quando dentro dela perambulamos e nos reconhecemos, dela não escapamos. *Amor* ao destino, que contemplamos seguir sem a passividade do niilista negativo. Dependuramos-nos em esteios: esses destinos que transitam pela caatinga, ora com feição de capão de mato, ora com feição de ave de arribação, ora com feição livro e biblioteca, ruas, paralelepípedos, ora com feição de urbanidade tangente.



² NETO, Cabral de Melo, *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Um velho viajante, chamado Gutenberg, antes se perde na paisagem quando carrega o olhar de pedras, chãos e montes. Lá longe, no firmamento, o som é frouxo, ecoa e comove – só pode ser uma acauã! Lamparina o encontra no meu do caminho, e ali mesmo tecem uma ontologia caatingueira.

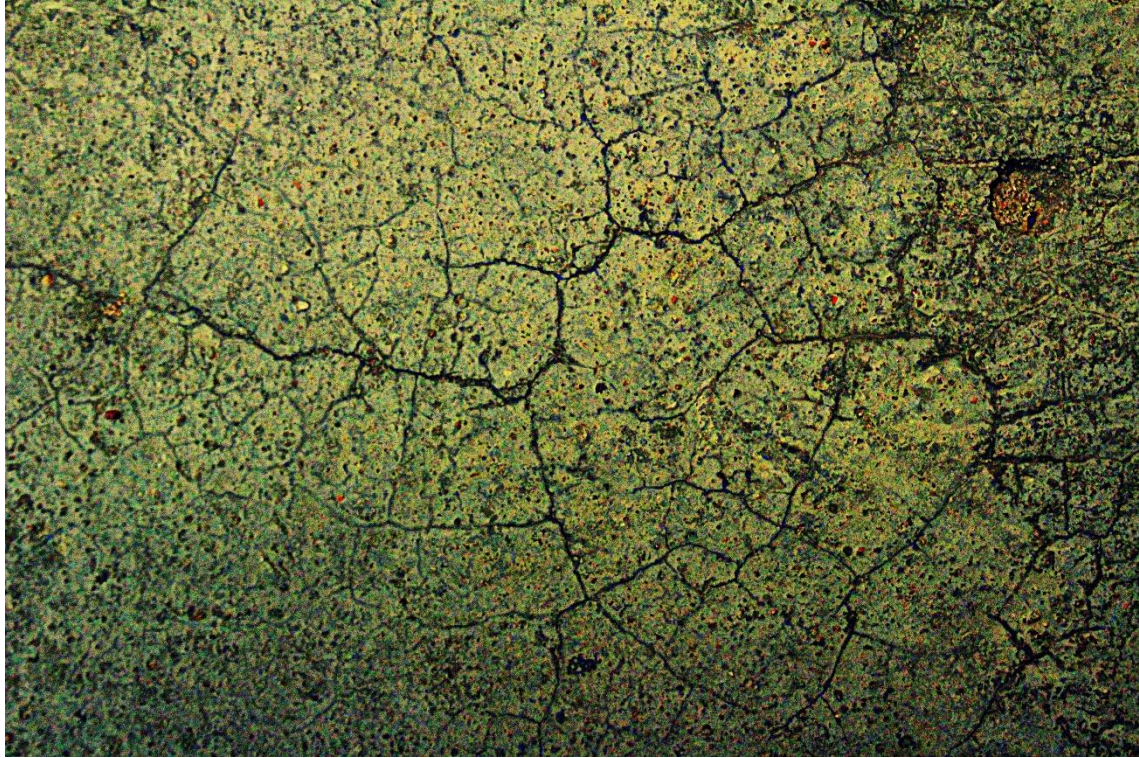
- De cima para baixo – disse Gutenberg - o Sol abade e bate contra o chão e contras as cãs. E a quentura quem atura? Em Sol assola a sola do meu sapado. Mas a montaria equina, a minha, cujo casco sofre em sois, se renova a cada dia, pequenina.
- Eu assim não bem penso – porque haverá sempre um ínterim de alvores, neste solzão quando pairam as extensas nuvens, que mais acolá fenecem. – afirmou Lamparina.
- Isso eu concordo de todo. Quando não há um silvo amigo, há uma nuvem santa que no céu amansa essa quentura, dela falamos, porém não reclamamos. O céu, sendo o mesmo, todos os dias, é justo para nós todos, em tudo aquilo que do alto acampa em nossas vidas.
- Verdade! Seguimos. Porém o que é o homem aqui, senão aquele que pressente que este lugar é mesmo ele? E mesmo ele, e todinho, o lugar na condição de corpo e de pensamento e de alma, de alma *lançada no mundo, ou jogada fora do Éden* feérico da arribação. E o meu coração bate em onomatopoeses-outras, soando: “*Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein!*”



Eis o microcosmo. Semblante de todo cosmos, se assim for reconhecido para o ensejo de uma ordem nova. A ordem da forma e do colorido pelos acasos.

- mas, que ordem é essa, Lamparina? – Perguntou Gutenberg.

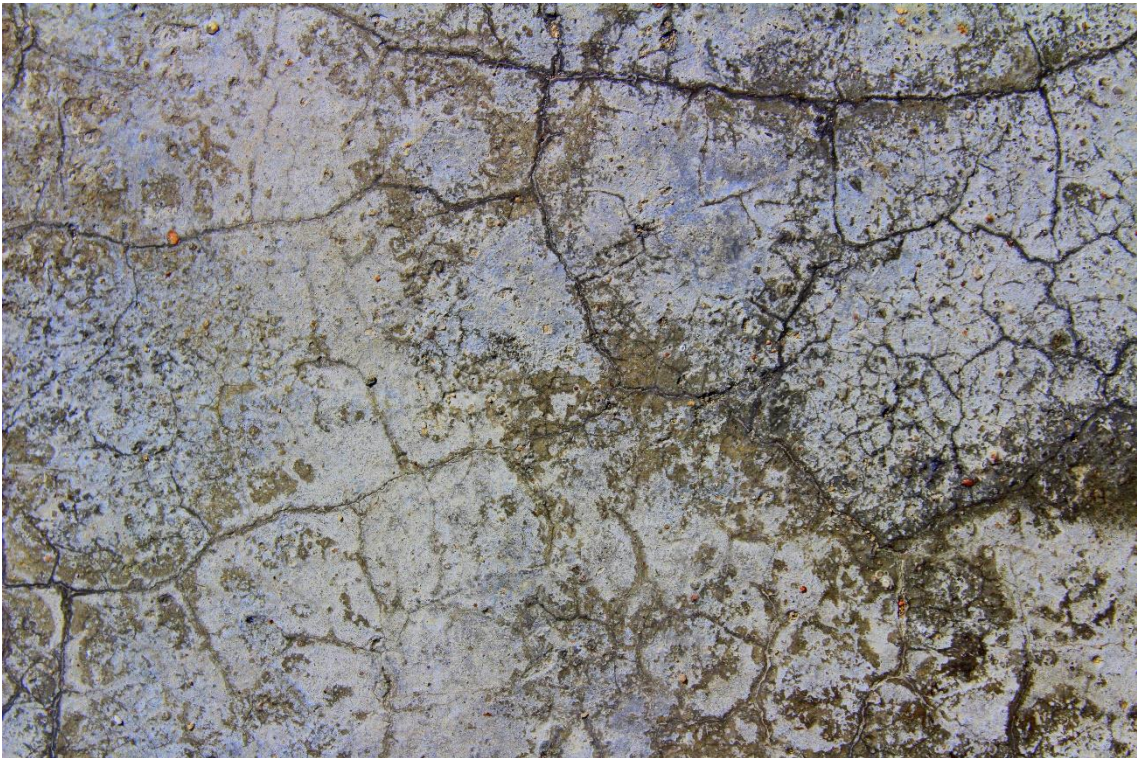
- As ordenanças do mato em flor, da fauna em flauta, nas copas altas, das frondosidades vicejantes que sobre a luz argentada dá-nos rica sombra.



O chão da minha casa era um antigo encimentado, e abaixo morava um bicho roaz – o tempo. É verde e frinchado aquele chão, onde suas microfissuras teciam caminhos para onde o olhar curioso embebedava-se, e o tempo passava, pequenino.



O chão da minha varanda tinha um detalhe intrigante: no meio havia uma frincha bonita e ramificada que avançava com seus ramos negros; acima um detalhe amarelo. No canto esquerdo um detalhe em verde, que lembrava-me de duas pontas de uma estrela, e no canto direito, uma bola azul circundada de amarelo, com uma "luazinha laranja" orbitando-a perpendicularmente. No canto acima da bola azul a cabeça branca de um tipo de *Capra aegagrus hircus* com dois chifres em espirais.



Alguém neste orbe saberia explicar a teleologia dos seguimentos de uma fissura? Para onde vão, por que vão e para quê? Sob quais forças são desenhadas as fissuras deste chão? Seria apenas para ostentar uma beleza mui subjetiva a partir das regras perdidas do telúrico? "Ora, a humanidade paleolítica compreendia o chão e pedra como presença" – pensou Lamparina – não era o chão oscilante de um Van Gogh, mas um chão, *sine qua non* esta vida não seria dadivosa.

- Agora mesmo - disse Gutenberg - o Sísifo, o cansado, deixou correr para baixo a pedra daquele monte maior, o tempo. E a pedra, num côncavo de chão, estancou-se e toscanejou em trégua para os homens.
- Ora, deixai Anteu guardando o nono círculo do Inferno em sua forma eneágona. O inferno é para os "sem chão" – não aqueles que viajam descalços por sobre a utopia, mas aqueles que ciscam na atopia, tangenciando para todos os lados.
- Como Anteu levantado do chão tornara-se fraco? Mas, posto no chão – eu sei - este luta com braços em flor e cabelo arboroso. Os olhos são tais como duas uvas rochas colhidas das mãos de Dionísio. Mas que luta ele luta ao luar?
- Nenhuma, contra homens – disse Lamparina – se luta é de letra, a boa, do tipo que corre em tipos móveis. Anteu modernizou-se após ler Spinoza.
- O que fora pedra agora é chão, e um dia, em meio ao fogo, tornar-se-á pedra (e das grandes, certamente um monte, um pico, uma serra, uma cordilheira, dessas que barra vendo, do litoral ao sertão).
- Mas o mestre Lêdo Ivo não tinha dito que "a boca do homem é como uma rua"?
- Sim, mas não a pedra e sim o chão, cabe na boca do homem, porque a pedra no meio do caminho é continuamente uma pedra drummondiana. E a pedra que ao largo corre, se pequena ou se grande, é pedra parnasiana.
- Coitado de Sísifo...



[...] E ao lado, o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda a parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo [...]³. “Ah. Figuração minha, de pior pra trás, as certas lembranças. Mal haja-me! Sofro pena de contar não... Melhor, se arrepere: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata?”⁴

E “o filósofo, com o interior e o exterior, pensa o ser e o não-ser”⁵, mas é preciso um chão a partir do qual, tal marco, ele tece a episteme do pensar e o modelo do falar.

³ AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço* (1890). São Paulo: Editora Moderna, 1991.

⁴ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 21ª edição. Rio de Janeiro: Nov Fronteira, p.22

⁵ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Devaneio da forma e do pictórico

Do chão à pedra, a forma não é apenas e tradicionalmente *morfia* geométrica. É algo mais, em conjunto, que se pressente para além da linguagem falada, ou escrita, ou da matemática. A Incógnita, que envolve com seu manto o chão e a pedra, é o arcabouço, denso como um manto, que incide sobre a nossa ontologia, na qualidade de reconvite antigo, do tempo em que nos perdemos da *phýsis*. “Nas profundezas juntaram-se as fontes/ das tuas alturas e das tuas alegrias, oh, Natureza/ Vieram descansar no meu peito”, - dissera Empédocles⁶.

Março (haicais)⁷

Gotas chilreiam
Chuva na caatinga
Aves se calam

Novo enredo
a vida no tablado
tempo nublado

Chuva de março
verde é cor perfeita
do meu cadarço

Garoa mansa
em pelo eriçado
amor alcança

No imbuzeiro
uma sombra mui rica
quem é herdeiro?

Quase chão, os líquens, que se formam tecendo pequenas rachaduras sobre os sulcos meândricos de uma árvore, mimetizam a forma e o pictórico do chão e da pedra como desejo de pertença, de aparência e de essência, no que diz respeito a sua dureza e beleza, e a sua clareza.



⁶ HÖLDERLIN. *A morte de Empédocles*. Relógio D'água Editores: Lisboa, 2001, p. 165

⁷ AMANCIO, José. *O Quasi-Haikai* (poemas). Edições Parresia: Maceió-AL, 2017.

Antes da visada, são as mãos que reconhecem o chão e a pedra, dois instrumentos a favor da vida, quando o humano pacifica-se entre lajeiros, pedras e chãos, desfazendo-se de sua pó-ética.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso*. São Paulo: Editora 34, 1998.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço* (1890). São Paulo: Editora Moderna, 1991. AMANCIO, José. *O Ocaso Florido* (versos). Edições Parresia: Maceió-AL, 2018.

_____. *O Quasi-Haikai* (poemas). Edições Parresia: Maceió-AL, 2017.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DA SILVA, Wellington Amancio. *Hans Ulrich Gumbrecht leitor de Martin Heidegger - Concepção de produção de presença*. Revista Brasileira de Estudos da Presença. V. 7, nº3, 2017.

_____. *A transição da coisa ao objeto denominado*. In. Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia. Natal RN, v. 1, n. 17, Dezembro, 2017, 84-98. ISSN 1984-3879.

HÖLDERLIN. *A morte de Empédocles*. Relógio D'água Editores: Lisboa, 2001, p. 165.

IVO, Lêdo. *Poesia Completa – 1940-2004*. Topbook, Rio de Janeiro, 2004, p. 492

MIRA, Feliciano de. *Ao Correr do Olhar - Contributos para uma epistemologia metafórica*. Edições Subjectivas, Oficina do Espírito, Arraiolos: Portugal, 2013.

¹ NETO, Cabral de Melo,. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 21ª edição. Rio de Janeiro: Nov Fronteira, p. 22.